



## **HISTÓRIA INSTITUCIONAL COMO INSTRUMENTO DE RESGATE DE IDENTIDADE – ESTUDO DE CASO DA FACULDADE DE ENGENHARIA DE BAURU/UNESP**

Luana Aparecida Manhani Mariano<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Graduanda em História pela Universidade do Sagrado Coração de Jesus – Bauru/SP - Artigo elaborado sob orientação do prof. M.e Roger Marcelo Martins Gomes e da prof.<sup>a</sup> Dra. Lourdes Madalena Gazarini Conde Feitosa.

### **RESUMO**

Visto a crescente procura por parte das instituições de ensino superior pela elaboração de propostas memoriais como elemento comemorativo, o presente artigo pretende expor como esse trabalho se desenvolve. A principal base referencial utilizada está na experiência da elaboração do memorial realizado na Faculdade de Engenharia de Bauru, unidade do Campus da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho -Unesp, durante o ano de 2016. Além dos relatos da experiência prática, também procurou-se explorar as discussões que permeiam a historiografia da História Institucional, como se dá a utilização dessa história para o Marketing institucional, impactos internos e externos dessa produção, o resgate da identidade institucional proporcionado por esse memorial e como essa história é produzida segundo uma perspectiva metodológica.

**Palavras-chave:** História Institucional. Identidade. Memorial.

### **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho tem como base para discussão a experiência na elaboração do Memorial Institucional da Faculdade de Engenharia de Bauru, Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho. No entanto, não se trata apenas de um relato de experiência, este é apenas o ponto de partida e um aporte referencial. Todo dado específico sobre a faculdade aqui apresentado é resultado das pesquisas que realizei enquanto estagiária no projeto do Memorial dos 50 anos da Faculdade de Engenharia de Bauru (FEB), ao longo do ano de 2016.

O projeto intitulado “Memorial FEB 50 anos”, idealizado em 2014, foi realizado pelos membros da comissão designada pela portaria D.FE nº 03 de 04 de fevereiro de 2015. Este apresenta como uma das principais propostas, ações específicas no resgate e na divulgação de sua história institucional, que será consolidada na publicação de um livro memorial – onde atuei especificamente na pesquisa e na elaboração do texto.

Os projetos memoriais desenvolvidos em instituições, sempre apresentam dois vieses: um voltado ao resgate da história e suas trajetórias, como forma de fortalecer a identidade institucional e seus valores perante o mercado e a comunidade; e também caracteriza uma forma de comunicação do marketing institucional. Ambas as possibilidades e perspectivas serão discutidas mais adiante.

Sobre o embasamento documental, aqui utilizei os resultados parciais do projeto memorial, ainda em andamento. Para investigação do processo histórico da FEB, nos valem de fontes variadas, como o jornal *Diário de Bauru*<sup>2</sup> das décadas de 1950, 1960, 1970 e 1980, acompanhando uma cronologia de marcos importantes para a faculdade e suas mudanças estruturais. Na análise de jornais, o recorte da busca foi notícias relacionadas à educação na cidade de Bauru. Nas duas primeiras décadas de publicação analisada, a busca era por manchetes que se referiam a uma instituição de ensino superior que oferecesse o curso de engenharia na cidade. Posteriormente, nas décadas de 70 e 80, com a efetiva criação da faculdade, a busca afunilou apenas para notícias específicas sobre a FEB. Igualmente procurou-se investigar chamadas no jornal sobre o processo ferroviário e desenvolvimento industrial de Bauru, visto que um dos pressupostos da pesquisa era que a cidade carecia de uma faculdade de engenharia, a fim de atender as necessidades de mão de obra para o mercado de trabalho<sup>3</sup>.

Ao mesmo tempo em que se buscou contextualizar a instituição dentro de um contexto regional, igualmente procurou-se valorizar a proposta inicial de resgate de memórias e experiências de todos os “personagens”, sujeitos históricos que fizeram parte dessa história, porém que ficaram à parte das narrativas comumente divulgada nos documentos oficiais, visto que ocuparam papéis ditos como secundários. A proposta do memorial surge com esse viés de reaver histórias e memórias coletivas que vão além de estruturas físicas e administrativas, envolvendo as vivências cotidianas das pessoas que passaram por esse lugar. Assim, foram realizadas entrevistas com ex-funcionários, ex-alunos, servidores técnicos, ex-professores, ex-diretores e pessoas que acompanharam o processo de forma externa à administrativa-acadêmica.

---

<sup>2</sup> As edições do jornal *Diário de Bauru* encontram-se disponível para consulta no Núcleo de Pesquisa em História da Universidade do Sagrado Coração de Bauru.

<sup>3</sup> Mais informações sobre o processo de constituição da FEB, encontra-se no trabalho apresentado no III Congresso Internacional de Museologia, realizado na Universidade Estadual de Maringá (UEM). Trata-se do trabalho: *Memorial dos 50 Anos da Faculdade de Engenharia de Bauru - FEB/Unesp: Trajetória Histórica do Processo de Criação da FEB* (SILVA, A.A.; MARIANO, L.A.M. Maringá, 2016).

Além dos jornais e das entrevistas, outros documentos foram utilizados como: a documentação do arquivo administrativo da FEB, projetos de leis apresentados aos órgãos legislativos, publicações dos diários oficiais e fotografias do arquivo da FEB.

Vale lembrar que aqui não serão apresentados os resultados diretos da pesquisa relacionada à história da FEB, uma vez que estes estarão presentes no texto do livro memorial. Apenas nos valeremos desta história, enquanto exemplo prático, quando necessário. O intuito desse artigo é explorar um pouco sobre as discussões teóricas e metodológicas que engendraram o processo de construção da história e do memorial da FEB, assim como sua importância para a comunidade acadêmica, a comunidade externa à faculdade e para os transeuntes desse local.

## **QUESTÕES, CONCEITOS E REFERENCIAIS INICIAIS**

Um dos conceitos mais enfatizados quando se fala de História Institucional é o de memória, já que é uma história muitas vezes recente, contada por quem viveu. A memória, segundo Candau (2006), vai além do simples ato de rememorar o passado, mas é através dessa capacidade cognitiva que formamos a nossa consciência enquanto indivíduo.

[...] Sem memória o sujeito se esvazia, vive unicamente o momento presente, perde suas capacidades conceituais e cognitivas. Sua identidade desaparece. Não produz mais do que sucedâneos de pensamentos, um pensamento sem duração, sem a lembrança de sua gênese que é a condição necessária para a consciência e conhecimento de si. (CANDAU, 2016, p. 60).

Essa “consciência e conhecimento de si” e o reconhecimento do indivíduo da sua própria identidade, advém de uma construção pautada em experiências e aprendizados registrados em vários níveis de consciência. Esses registros de memórias constituem o referencial que temos em relação como vemos o “eu”, o “outro” e o “lugar”, influenciando inclusive nos referenciais de tempo.

O conceito de identidade é difícil de ser definido. Além de ser multifacetado, pois se relaciona com várias instâncias, é impossível definir essa ideia em uma única colocação. Identidade pode ser representada através da cultura, do social, do gênero, da sexualidade, do fator racial... enfim, são inúmeros os fatores, que muitas vezes se desenvolvem

simultaneamente. Assim, é incorreto falar de uma identidade, uma vez que temos que pensar em identidades.

Em meio a esse “jogo de Identidades” – expressão utilizada por Stuart Hall –, é que se encontra a tentativa de definir e localizar o indivíduo no coletivo e locar o coletivo no espaço. Diante de tantos elementos que tentam definir a identidade, ainda temos que lidar com a plasticidade dos sujeitos envolvidos no processo, “[...] a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpretado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida” (HALL, 1992, p. 21).

Em termos gerais, identidade pode ser entendida como o conjunto de características que distinguem os indivíduos um dos outros, possibilitando o reconhecimento do individual diante do coletivo.

Considero relevante destacar ainda uma das primeiras questões metodológicas a qual me deparei ao iniciar minha atuação na proposta do memorial da Faculdade de Engenharia de Bauru: a historiografia das instituições, nesse caso, instituições universitárias, se enquadram dentro da metodologia da micro-historiografia? O artigo do professor da Unicamp, doutor José Luís Sanfelice, responde bem à questão em sua explanação sobre o tema, tendo como base o trabalho de Vainfas (2002) *Micro História. Os protagonistas anônimos da história*.

As obras que se referem à micro-história alocam seu surgimento na Itália; para José Sanfelice (2010), foi consequência da acorrente da nova história cultural, que se espalhava pela Europa nos anos 80, que teria acarretado um ecletismo temático, temporal e espacial. Em poucas palavras:

A micro-história é o estudo monográfico sobre um tema particular. Um cruzamento da história cultural com a história social. Um gênero diferente de fazer e contar história que renuncia à história total, à história síntese dos Annales e, acrescento, por suposto, ao marxismo. Privilegia a narrativa descritiva e busca expor a história para os que a conhecem e também os que não a conhecem, por meio da narrativa descritiva dos casos miúdos. (SANFELICE, 2010, p. 37).

O autor lembra que a abordagem metodológica da micro-história não renuncia a busca pela verdade dos fatos, se valendo de grande quantidade de documentos, pois cada detalhe das mínimas evidências que trazem os documentos são de grande relevância para o trabalho. O historiador deve se atentar ao que passaria despercebido a uma análise ampla das abordagens que buscam uma história total, trazer à luz personagens esquecidos e fatos desconhecidos.

Na conclusão da questão inicial sobre a história das instituições escolares fazer parte de uma abordagem micro historiográfica, Sanfelice responde usando as palavras de Vainfas, que toda pesquisa histórica, de certa forma, é um recorte monográfico de um objeto de pesquisa, sendo que o que muda é sua perspectiva de análise.

Posso então afirmar que a escolha por uma história das instituições escolares não leva mecanicamente à micro-história, pois a perspectiva de análise é que se torna decisiva (Sanfelice, 2009) e, na prática, os pesquisadores da história da educação estão se valendo das diferentes opções disponíveis. (SANFELICE, 2010, p. 40).

Sendo assim, o historiador pode escolher um recorte delimitado, mas o que vai definir sua abordagem é o tipo de análise realizada e quais elementos serão levados em consideração. No caso da abordagem micro-historiográfica, normalmente, são utilizadas fontes por vezes ignoradas, tendo em enfoque a história de minorias à margem e sujeitos históricos excluídos da dita história oficial.

Levando a discussão para o objeto de análise, o caso das propostas memoriais de instituições de ensino, mais especificamente o caso da Faculdade de Engenharia de Bauru, buscou-se estabelecer um recorte bem delimitado. O referencial espacial e temporal está delimitado, espaço é a Faculdade de Engenharia de Bauru, mas isso representa mais do que um lugar fixo, sendo a delimitação do espaço destinado a esta instituição, visto que em seu processo de construção, a Faculdade foi alocada em espaços distintos em relação à localização. Em relação ao tempo, a primeira referência que se tinha era o documento do ato de criação da instituição, datado de 21 de dezembro de 1966, cujas leis eram: Lei nº 1276/1966, dispendo sobre a criação da Fundação Educacional de Bauru, entidade jurídica, sem fins lucrativos, que viria a ser a mantenedora da Faculdade de Engenharia e do Colégio Técnico Industrial; e a Lei nº 1277/1966, que criava em Bauru a Faculdade de Engenharia de Bauru, estabelecimento de ensino superior, a ser administrado pela Fundação Educacional de Bauru. Os nomes que faziam parte dessa história oficial são figuras conhecidas pela comunidade bauruense, como o prefeito Nuno de Assis e o deputado Laudo Natel, pessoas que ganharam visibilidade na época que os eventos ocorriam. No entanto, outras figuras atuavam juntamente a essas personalidades, até mesmo de forma mais ativa, visto que a notoriedade dos nomes acima se deu ao fato das assinaturas e autorizações que consolidaram

a instituição legalmente. Por outro lado, os eventos antecedentes engendraram reivindicações e mobilização de pessoas de vários setores da comunidade bauruense.

O referencial temporal poderia ser delimitado a partir dessa data de criação, 1966, já que as histórias da instituição, assim como seus documentos oficiais, seriam produzidas partindo desse momento. No entanto, buscou-se compreender um pouco sobre os antecedentes dessa história recorrente.

Nessa análise, utilizamos o arquivo do Núcleo de Pesquisa em História (NUPHIS) da Universidade do Sagrado Coração, articulados a depoimentos e entrevistas das pessoas que presenciaram todo o processo de reivindicação e criação da Faculdade. A partir dessa pesquisa, encontramos informações que datavam de 1959 e já tratavam sobre o tema. O Deputado Estadual bauruense Nicola Avallone Junior, em 03 de abril de 1959, apresentou na Assembleia Legislativa o Projeto de Lei nº 221/1959, cuja ementa pretendia criar uma faculdade de engenharia na cidade Bauru.

Uma discussão interessante sobre a questão que envolve a história institucional, é sobre o trabalho de quem desenvolve esses projetos. Atualmente o trabalho do historiador vem sendo repensado, pois o campo do mercado de atuação vem crescendo cada vez mais. A formação em História, além de atender uma demanda na área da docência e da pesquisa acadêmica, vem ganhado expressividade em projetos que envolvem resgates de memórias, atribuindo ao historiador uma condição de “artífice de identidades”, no que se refere à organização de fontes, documentos e sistematização de dados que, apresentados, sugerem sentidos para as pessoas (AXT, 2004).

[...]. Assim como todo indivíduo necessita ter a sua certidão de nascimento, o seu registro geral e outros dados que o identifiquem, também as instituições, as comunidades, as cidades e as sociedades precisam conhecer suas identidades culturais. Porque são essas identidades que facilitarão a consciência do que é intrinsecamente comum a todos, daquilo que transcende o individual, o particular. Identidades, portanto, facilitam a coesão social, contribuindo, destarte, na afirmação dos espaços públicos e da cidadania, no fortalecimento da democracia e na preservação da soberania, de uma nação ou de uma instituição [...] (AXT, 2004).

Obviamente, um historiador que se dispõe a analisar o desenvolver de uma instituição, irá se deparando com vasta contribuição de fontes primárias referentes aos arquivos documentais que precisam ser separados, datados e catalogados. Parte-se do pressuposto que o trabalho realizado será regido primordialmente por tal material referente à instituição, no

qual estarão contidas as informações sobre administração, gerência e desenvolvimento, documentos primordiais para a compreensão dos fatos levantados. À primeira vista, esta forma de trabalho poderia remeter aos modelos de uma História Positivista, mas essas informações “oficiais”, por si só, não são capazes de explicar os eventos e o contexto que envolve o desenrolar da formação da instituição por sua trajetória, tampouco relaciona a importância dos eventos e a conclusão dos fatos com a sociedade. História Institucional está diretamente relacionada à história do coletivo social, porque visa à integração da comunidade e da instituição, evidenciando a importância de um para o outro.

Resgatar a memória passou a ser um fator relevante para as instituições, em razão de não constituir somente um simples registro da história, mas um programa que envolve objetivos, justificativas e um cronograma que permite um planejamento adequado e contínuo. Dessa forma, seu papel é construir um futuro por meio do passado e da atualidade, nos quais a identificação da cultura organizacional e do fortalecimento da(s) identidade(s) serão fatores predominantes. (BARBOSA, 2013).

Por isso, além de fazer o levantamento documental e a classificação desse material, cabe ao historiador relacionar a história da empresa com o contexto social em que se insere no tempo e no espaço, assim como a inter-relação com os indivíduos sociais.

## **RELAÇÃO DA GLOBALIZAÇÃO COM A MEMÓRIA INSTITUCIONAL**

A Pós-Modernidade trouxe à tona um cenário de instabilidade que permeia todos os âmbitos da vida humana, tanto individual quanto social. Esta instabilidade decorre das alterações que ocorreram nas relações estabelecidas entre indivíduos e como os indivíduos interagem com seu meio. Vivemos no período do efêmero onde tudo é transitório e passageiro. Assim como a cultura, a identidade se encontra fragmentada (HALL, 1992). “Só se pode preparar um futuro quando se salva um passado, mesmo que estejamos num século em que as forças de desintegração múltiplas em potentes encontram-se em andamento”. (MORIN, 2007, p. 15 apud BARBOSA, 2010, p. 2).

Em encontro promovido pelo Sesc Memórias<sup>4</sup>, no dia 27 de agosto de 2009, a doutora em História Célia Reis Camargo fala sobre o tema "Fontes de pesquisa para a História Institucional", tendo apresentado uma explanação ampla sobre a História Institucional, o trabalho do historiador e suas fontes, também expondo um pouco das noções que envolvem essas perspectivas, abarcando a globalização e a crise de identidade da pós-modernidade.

O fenômeno das transformações da Globalização, muito discutidas nos âmbitos econômicos, estruturais e culturais, também geraram impactantes transformações pessoais no indivíduo e na sua forma de ver o mundo à sua volta. O mundo passa por um período de constantes mudanças, acarretando a perda de um referencial como ponto inicial, até mesmo descaracterizando a noção de individualidade dos indivíduos, das instituições e dos grupos sociais. A solução para essa condição é a normatização e padronização de comportamentos e procedimentos que permitem organizar a confusão causada pela exposição do ímpeto global.

A sociedade que diminuí as distâncias e amplia os acessos, também é a mesma que exige mais capacidade dos membros integrantes (nos termos de especialização, conhecimentos científicos e acadêmicos), assim não se tem tempo em um mundo tão corrido. Por isso a necessidade de que o sistema social funcione da forma mais prática possível, sem que as pessoas precisem dispensar muito trabalho.

Assim, a solução é a padronização de procedimentos. No entanto, tanto a fragmentação social, causada pela avalanche de conteúdos de livre acesso, quanto a padronização, causam desconforto nos grupos e nos indivíduos quanto ao seu reconhecimento frente ao coletivo. Esse cenário desperta o que a Historiadora Celia Reis Camargo chamou, durante a palestra para o SESC Memórias, de "Obsessão ou mania de memória".

As pessoas trabalham buscando elementos de distinção social, seja por meio de bens materiais, influência ou, onde tudo culmina, poder. Mas é na memória que reside a real construção da individualidade, visto que se o presente nos condiciona como iguais, é no passado que enxergamos que somos fruto de uma construção histórica que nos torna únicos, quanto indivíduos, e distintos, enquanto grupos.

---

<sup>4</sup> [...] Os temas são propostos pelo Sesc Memórias, área responsável por coletar, tratar e guardar a documentação produzida e acumulada pelo Sesc em São Paulo com o compromisso de preservação e divulgação de sua história. A característica contemporânea mais destacada como decorrente do fenômeno da Globalização é a fragmentação decorrente da amplitude da exposição a informação por não haver um enfoque. (trecho das informações do vídeo: *Fontes de pesquisa para a História Institucional*, publicado em 2012).

No decorrer da sua fala, apresenta a questão das iniciativas de resgate de identidade dos indivíduos como uma forma de repensar os valores e reverter o “mal-estar” provocado pela “crise da pós-modernidade”. Destaca a necessidade de reconhecimento desses indivíduos perante o grupo e seu posicionamento junto à sociedade. Mas essa busca transcende o âmbito interpessoal humano, passando para o nível social institucional em noções de pertencimento e relação com lugares.

As instituições igualmente sofreram com a crise de identidade, principalmente as grandes corporações que passaram por drásticas mudanças devido a inúmeros fatores, desde a relação com a economia nacional e internacional e suas consequências, como mudanças internas. Pouco a pouco, estas instituições foram desfocando seus próprios conceitos indenitários, dificultando o estabelecimento de diretrizes para definir seu papel perante a comunidade. É desse contexto que nasce os projetos de Memoriais Institucionais como forma de resgatar, através do passado, os elementos constituintes da identidade fragmentada dessas instituições.

## **HISTÓRIA INSTITUCIONAL E MARKETING**

A busca pela construção de uma história de exaltação é uma característica pejorativa apresentada pelos projetos memoriais realizados em instituições, o que acaba desvalorizando o trabalho em uma perspectiva historiográfica metodológica.

Como apresenta Goulart (2002), “Comemorar datas é a motivação mais comum das organizações que saem da inércia e se dispõem a investir em conhecer a própria trajetória”. Mais do que apresentar os motivos recorrente que levam as instituições a buscarem sua história, a autora, que tem experiência na área de arquivos organizacionais, aponta o descaso das instituições em relação à sua própria história e documentos. Normalmente as ideias para o memorial partem de funcionários mais antigos, o que realmente se observa na realização do trabalho prático – novamente me valendo de experiência particular –, é que funcionários mais antigos ou já aposentados mostram mais interesse e entusiasmo quando se deparam com a proposta, ficando felizes em colaborar.

[...] Eu espero que vocês consigam escrever.... É muito bom isso. Se não conhecer o passado, não vai entender o presente e nem planejar o futuro. Essa é uma verdade. (Trecho da entrevista do Elder Gadotti, primeiro diretor da FEB, concedida em 17 fev. 2016, Guarujá)

Então, essa ideia de resgatar a história, uma vez o Segalla e eu tivemos essa ideia. [...] Então eu acho esse trabalho fundamental porque [...] o resgate daquela época começou por ocasião um pouquinho antes do falecimento de um dos primeiros bedéis da Fundação, que era o Ademar e o apelido dele era Silvio Santos. Ele era um bedel que conhecia os alunos da primeira turma pelo nome e pelo número; mas ele já se foi também. Ele poderia falar muito da parte dos alunos (Trecho da entrevista com Nariaqui Cavaguti, ex-professor e diretor da FEB, 08 abr. 2016, Bauru).

Trabalhos são realizados com enfoques distintos das narrativas memoriais dos fatos, abordando as realidades, que buscam muito mais o enaltecimento dos grandes feitos e acontecimentos da empresa como uma forma meramente expositiva de resultados positivos. Dessa forma, surge o que Axt chama de “iniciativas de vitrine”, enquadrando nessa categoria os projetos feitos sem aporte metodológico, sem a preocupação prévia de levantamento de dados e criação de acervos ou arquivos, visando apenas as publicações que atendam o caráter festivo comemorativo (AXT, 2004).

Ao abraçarem projetos de vitrine, muitos pensam estar inscrevendo seu nome nos anais da história, enquanto outros pensam estar produzindo material didático e facilmente assimilável, mas, na prática, tais iniciativas podem estar, em alguns casos, revelando-se num legítimo tiro pela culatra, pois correm o risco de passar uma imagem perfunctória, ao invés de pretender mostrar justamente a profundidade do compromisso de uma instituição, pública ou privada, com a sociedade. (AXT, 2004).

Esse descaso, e recorrente erro metodológico, ainda segundo Axt, seria resultado do fato de profissionais da área de História normalmente serem substituídos por outros agentes culturais, como jornalistas e publicitários. Por outro lado, também ocorre do historiador, mesmo com conhecimento, negligenciar os métodos e fidedignidade aos fatos levantados para atender ao contratante do serviço, pois este espera como resultados uma história de vitrine.

Não podemos descartar a possibilidade e a eficiência do uso dos memoriais como forma de promover uma comunicação externa. Correlacionar o passado com o presente, mostrar as correlações entre comunidade e instituição, aproxima os laços com o público externo, atribuindo-lhe maior credibilidade.

O historiador pode atender a expectativa sem negligenciar a metodologia:

[...] ao falar a língua do mercado, o historiador consultor não pode voltar as costas à metodologia e à ciência acadêmicas e científicas. O historiador não pode, por força das pressões do mercado, converter-se num apologista ou num publicitário, pois, nesse caso, ele perde a sua identidade. É preciso encontrar um ponto de equilíbrio entre os dois termos: ciência e mercado. Este equilíbrio é alcançado, por exemplo, quando um livro de um consultor pode ser lido tanto no meio universitário quanto por um público amplo ou por leitores de instituições específicas situadas fora da ambiência acadêmica e para os quais o livro foi originalmente produzido. (AXT, 2004).

É uma forma também de valorizar o trabalho de ex e atuais funcionários e colaboradores. Do ponto de vista da prática administrativa, a organização de acervos proporciona uma “[...] economia de tempo de pesquisa de dados corporativos reduzindo a inconsistência de informações [...]” (FIGUEIREDO, 2014, p. 69). Ainda facilita o estabelecimento concreto de missão, visão e valores, como é o caso da Faculdade de Engenharia de Bauru que, enquanto instituição de ensino superior universitária de valores sociais, tem forte papel na formação de indivíduos críticos. Esses estudantes universitários, ainda que transitórios no espaço destinado à universidade, representarão a instituição fora dos muros enquanto profissionais. Viabilizar que esses alunos se identifiquem como parte de um coletivo e de uma história dando significado à sua trajetória acadêmica, além da formação em si com base em conhecimentos específicos.

Ainda considerando a instituição universitária, o resgate da história, memória e identidade de uma unidade que a compõe, elementos estes que atribuem significado ao espaço destinado à faculdade, atingindo as pessoas que frequentam suas instalações físicas, mas que desconhecem sua origem. Tal significação fortalece o entendimento do papel da instituição perante a comunidade, conseqüentemente reforçando as diretrizes da extensão universitária, uma exigência obrigatória. Dessa maneira, aproxima os indivíduos ao lugar.

## **CONCLUSÃO**

Os memoriais e história institucional são ferramentas importantes para as instituições, seja na sua afirmação perante o mercado, cliente e comunidade, seja para sua consolidação no quesito de missão, visão e valores, ou em uma noção ampla, na valorização de uma história regional.

Durante a realização da pesquisa a respeito do processo de formação e consolidação da Faculdade de Engenharia de Bauru, mesmo se tratando de um recorte que pode ser

considerado como micro-historiográfico, muito revelou sobre estruturas que ultrapassavam as noções de espaço da Faculdade em si. No desenvolver dessas produções, a própria história da cidade e do contexto nacional está presente.

O memorial e as iniciativas memorialistas vão além do reconhecimento do espaço, também se relacionam com o que o sociólogo Halbwachs destaca como importância do senso coletivo para construção de noções de tempo, assim valorizando a lembrança comum que constitui a percepção desse tempo e de pertencimento a um “lugar”.

Considerando que toda instituição é um “lugar” inserido em um contexto social, político e econômico, não podendo ser dissociado destes elementos, o resgate desse traçado histórico não foi feito em nível de um recorte engessado, pelo contrário. Todos os dados levantados, produções e direcionamentos de pesquisa, até agora, foram realizados com a preocupação de identificar os elos existentes entre instituição e sociedade.

São ações que abarcam alunos, funcionários, comunidade externa em geral e transeuntes. Traz a luz a história não contada, as experiências que só a memória registrou.

Todo documento, depoimento, foto ou cada linha traçada sobre o Memorial da Faculdade de Engenharia de Bauru vai além da história de uma faculdade, é a identidade de uma instituição, é a memória de toda uma população e o resgate de um fragmento da história da cidade de Bauru.

## **INSTITUTIONAL HISTORY AS AN INSTRUMENT OF IDENTITY RESCUE - CASE STUDY FROM THE SCHOOL OF ENGINEERING IN BAURU/UNESP**

### **ABSTRACT**

Given the growing demand from institutions of higher education for the elaboration of memorial proposals as a commemorative element, the present article intends to show how this work is developed. The main reference base used in this study is the experience from the elaboration of the memorial held at the School of Engineering in Bauru, one of the campi of Júlio de Mesquita Filho State University – Unesp, in São Paulo, during the year of 2016. In addition to the reports of practical experience, we also sought to explore the discussions that permeate the historiography of Institutional History, how it connects with Institutional Marketing, the internal and external impacts of its production, the rescue of the institutional identity provided by this memorial, and how this history is produced according to a methodological perspective.

**Keyword:** Institutional History. Identity. Memorial.

## REFERÊNCIAS

- AXT, Gunter. **Memória, cidadania e os novos campos de trabalho do historiador** – Revista História Hoje, São Paulo, n. 4, 2004. Disponível em: <[http://www.anpuh.org/arquivo/download?ID\\_ARQUIVO=35](http://www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=35)>. Acesso em: 21 nov. 2015.
- BARBOSA, Andréa Arruda. O lugar da memória nas organizações complexas, **IV Congresso Brasileiro de Comunicação Organizacional e de relações Públicas** – Abrapcorp 2010.
- BARBOSA, Andreia Arruda. Memorial Institucional: possibilidade de construção de significado em ambiente organizacional, **9º Encontro Nacional de História da Mídia UFOP** – Ouro Preto. ISSN 2175-6945. Minas Gerais, 2013.
- CANDAU, Joël. **Memória e Identidade** – tradução Maria Leticia Ferreira. – 1ª ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.
- Fontes de pesquisa para a História Institucional | Célia Reis Camargo | Sesc Memórias** (1h36min01seg) – Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AGALDCKQ6Zo&t>>. Acesso em: 15/02/2016
- FUIGUEIRO, Ewerton.L.F.; BEM, Judite. S. A Memória Institucional e as Relações Públicas – Connexio – **Revista científica da Escola de Gestão e Negócios**, Ano 3, nº1. Ago.2013/jan.2014.
- GUOLART, Silvana. **Patrimônio Documental e História Institucional**. São Paulo. 2002. Disponível em: <<http://goo.gl/DPfgzY>>. Acesso em: 28 de março de 2016.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva & Guaciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1992.
- Lei Municipal nº 1.276, de 26 de dezembro de 1966**. Cria neste Município, a “Fundação Educacional de Bauru”.
- Lei Municipal nº 1.277, de 26 de dezembro de 1966**. Cria neste Município, a Faculdade de Engenharia de Bauru.
- Lei nº 7.641/62**. Publicação do Diário Oficial do Estado de São Paulo, 21/12/ 1962, p.3. Disponível em: <<http://goo.gl/lbJf7>>. Acesso em: 28 de março de 2016.
- Lei nº. 8.520/64**. Publicação do Diário Oficial do Estado de São Paulo, 19/12/1964, p. 3. Disponível em: <<http://goo.gl/PjzMDL>>. Acesso em: 28 de março de 2016.
- PINTO, Camila de Miranda Cherem. **Ensaio de uma História: Construção da Faculdade de Engenharia em Bauru**; Trabalho de Conclusão de Curso; (Graduação em Engenharia Civil) – FEB/UNESP; Bauru, 2010.

**Portaria nº 7, de 11 de abril de 1967.** Autoriza o funcionamento da Faculdade de Engenharia de Bauru.

VAINFAS, Ronaldo, **Os protagonistas anônimos da História: micro História.** Rio de Janeiro: Campos, 2002.

SANFELICE, José Luís. História de instituições escolares e Micro História. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 29, p.32-42, 2010. Disponível em: <[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/39/art02\\_39.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/39/art02_39.pdf)>. Acesso em: 10 set. 2016.